

CINEMA



Os destaques  
da competição do sétimo  
Lisbon & Estoril Film Festival

# SINAIS DE CRESCIMENTO

Texto **Vasco Baptista Marques**

**Depois** de um ano marcado por uma competição sem surpresas de maior, o Lisbon & Estoril Film Festival (LEFF) — que ontem começou — decidiu nesta edição expandir o seu universo de seleção, por forma a admitir a presença a concurso de filmes de produção extraeuropeia. A aposta, diga-se, foi ganha: não só porque a qualidade global da competição se viu reforçada mas também porque — pela primeira vez nos sete anos de história do festival — se deteta a existência de uma clara linha de programação. De facto, mais do que por critérios geográficos (obras de produção europeia) ou etários (obras de jovens realizadores), o concurso do LEFF parece organizar-se agora em função de eixos bem definidos, privilegiando trabalhos que se movem na fronteira da ficção e do documentário, que encaram o cinema como uma arte autorreflexiva ou que investem a fundo na construção do burlesco. Mas passemos a palavra aos filmes propriamente ditos — 12, no total.

Entre eles, o nosso maior destaque vai, sem dúvida, para a estreia na realização do cazaque Emir Baigazin: “Harmony Lessons”. O que temos aqui?

Uma história de violência (o filme arranca, não por acaso, com o desmembramento de uma ovelha) que segue o trajeto de um adolescente que vai e vem entre dois *décors* igualmente claustrofóbicos: a decrépita casa onde vive com a avó e um liceu governado por um gangue versado na arte de bem humilhar. Retrato em plano fixo de uma personagem sem ponto de fuga possível que, em virtude do seu meio, é obrigada a introjetar a sua revolta, “Harmony Lessons” é, também e sobretudo, o retrato de um país dominado por uma cultura de violência disseminada, cuja origem Baigazin localiza (e muito bem) numa visão ideológica do mundo: aquela, de contornos neodarwinistas, que os professores do liceu injetam nos alunos. Neste quadro, o grande mérito do filme consiste em mostrar como a luta pela sobrevivência não conhece vítimas: somente uma hierarquia de carrascos que, à vez, vão exercendo a sua força sobre os ‘membros inferiores’ da escala. Estreia mais promissora não vimos nos últimos tempos.

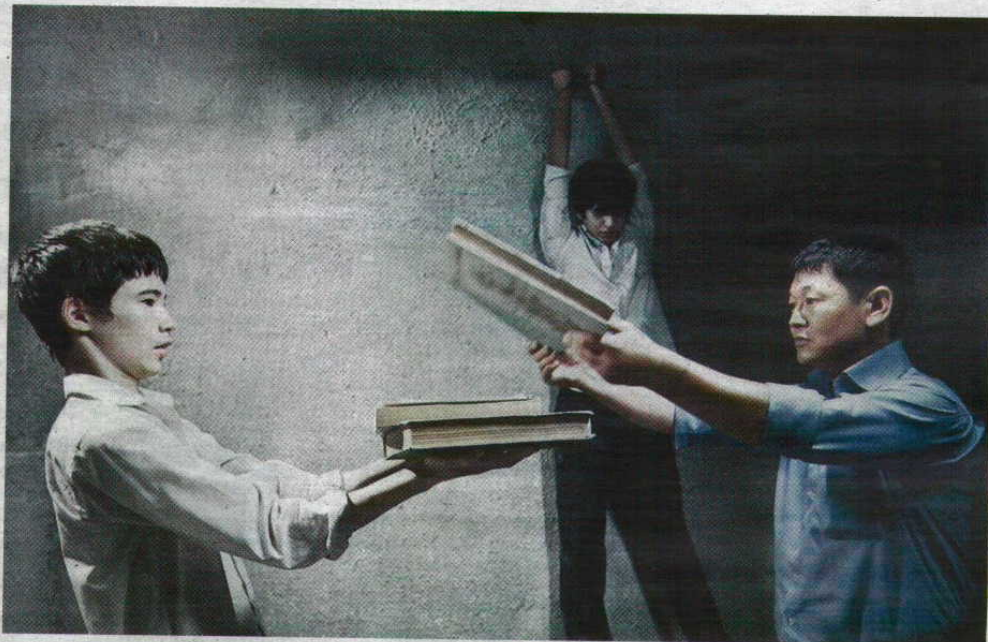
Bem diferente (mas igualmente estimulante) é a terceira longa do romeno Corneliu Porumboiu: “When Evening Falls on Bucharest or Metabolism”. Menos centrado na memória da Roménia comunista do que os seus dois trabalhos anteriores (“12:08, a

Este de Bucareste” e “Polícia, Adjectivo”), “Metabolism” é, por assim dizer, uma espécie de prefácio para um filme que não existe. Com efeito, ao longo dos 17 planos-sequência que o compõem, veremos apenas as manobras de diversão de um cineasta que, para passar mais tempo com a atriz do filme que se encontra a rodar, simulará ter sido vítima de uma úlcera. É um pretexto que permitirá a Porumboiu construir uma série de quadros onde o cineasta e a sua atriz tudo discutirão (a diferença entre a película e o digital, entre as cozinhas chinesa e europeia...). Um mero exercício de estilo, então? Nem por sombras — pois o que assim se obtém é, mais do que uma cínica reflexão de Porumboiu sobre o seu próprio processo criativo, um metafilme onde a ficção e o documentário se confundem em absoluto (trata-se, afinal, de uma ficção que documenta a ‘preparação’ de um filme que nunca veremos). Goste-se ou não, é uma obra que, pela radicalidade da sua proposta, merece ser amplamente debatida.

Outra tentativa de articular entre si a ficção e o documentário é a que nos propõe um dos dois trabalhos franceses presentes a concurso: “La Bataille de Solférino”, a estreia nas longas de Justine Triet. História de uma jovem repórter de televisão em proces-



"When Evening Falls on Bucharest or Metabolism", de Corneliu Porumboiu (à esq.), e "Harmony Lessons", de Emir Baigazin (em baixo)



so de divórcio que, no dia da segunda volta das eleições presidenciais francesas, é incumbida da tarefa de 'acampar' junto à sede de campanha de François Hollande, o filme cruza a sua ficção com o desejo de documentar (através da simulação de entrevistas de rua) a agitação de uma Paris cativa da divulgação dos resultados eleitorais. O que desta 'mistura' decorre é um constante jogo de interferências entre o real e a representação, o público e o privado, onde, à crónica de uma separação conjugal, Triet faz corresponder a crónica de um país politicamente dividido. Dir-se-á — e não sem razão — que a relação formulada entre estes diversos pontos de vista permanece sempre algo forçada e inorgânica, mas, pela ambição que mostra (e pelos engenhosos apontamentos burlescos que o pontuam), "La Bataille de Solferino" reclama uma espereitadela atenta.

Burlesca de fio a pavio é, por sua vez, a sétima longa do quebequense Denis Côté: "Vic + Flo Ont Vu un Ours". Aqui, tudo se joga na instalação de um efeito de irrisão que — como é costume no cinema de Côté — nasce sobretudo do contraste que se esta-

belece entre as personagens e o seu meio, neste caso um casal de ex-presidiárias lésbicas de meia-idade que, depois de saírem da prisão, encontram guarida numa remota cabana de floresta. Mas, embora o filme aposte no desenho insólito das figuras (o escuteiro que não sabe tocar trompete...) e das situações (os passeios de moto 4 pela paisagem desolada...), depressa se percebe que o seu objetivo é outro, a saber: escarpelizar o quotidiano de um casal sem horizonte que, como em qualquer *film noir* que se preze, se deixa perseguir pelo passado. Ou, se preferirmos, por uma velha *gangster* que não olha a armadilhas contra ursos para atingir os seus fins.

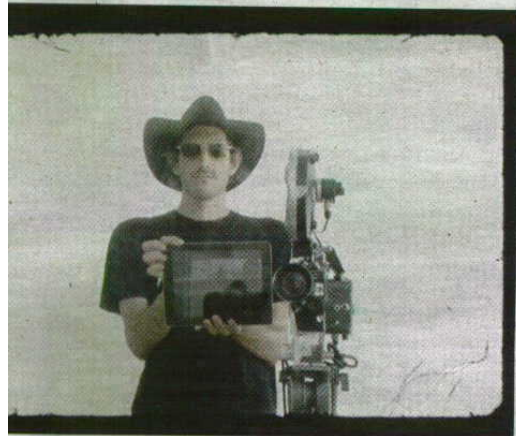
Do lado de lá do Atlântico (nomeadamente dos EUA) chega-nos, também, outro dos 'pesos pesados' da competição do LEFF: "Short Term 12", de Destin Cretton. Estudo sobre uma instituição de acolhimento temporário para adolescentes problemáticos, este pequeno monumento de simplicidade comove-nos pelo modo como abraça as personagens sem distância, investindo, para isso, numa realização de câmara à mão que, através de sucessivos grandes planos, procura infiltrar-se nas relações que se vão tecendo entre os miúdos e os seus vigilantes (um grupo de jovens adultos que tem dificuldade em abstrair-se dos seus próprios problemas). O resultado é um filme coreografado à flor da pele que, dispensando os artificios formais e as grelhas sociológicas, nos oferece um retrato honesto e tocante da adolescência.

Não poderíamos deixar de fazer uma referência, para terminar, ao mais excêntrico dos títulos a concurso: "La Última Película", filme dirigido a quatro mãos pelo filipino Raya Martin e pelo canadiano Mark Peranson. Descabelada tentativa de *remake* do infame "The Last Movie" (1971) — a obra onde Dennis Hopper mandava Hollywood às urtigas —, "La Última Película" acompanha os passos de um realizador megalómano que aterra no México por alturas do 21 de dezembro de 2012 (a data que o calendário Maia reservava para o apocalipse) para

se dedicar à rotação daquele que, segundo nos diz, será o último filme em película da história do cinema. O que se segue é uma espécie de 'comédia experimental' (Martin e Peranson socorreram-se, aqui, de dez câmaras diferentes, entre digitais e analógicas), onde a homenagem ao filme de Hopper anda de braço dado com uma paródia sobre a sua *persona* e onde a recriação copista dos traços formais mais característicos do "The Last Movie" vai a par com uma divertida interrogação sobre o anunciado fim do cinema (e do mundo, já agora).

Apanhem esta e as outras boas surpresas do LEFF enquanto puderem — é que, pelo andar da carruagem, é pouco provável que elas recebam por parte dos distribuidores portugueses a atenção que merecem. ▲

(Mais informações em [www.leffest.com](http://www.leffest.com))



"La Última Película", de Raya Martin e Mark Peranson



LISBON & ESTORIL FILM FESTIVAL